

Revista Iberoamericana de Turismo



RECEBER E ACOLHER EM SÃO PAULO: DESAFIOS DA HOSPITALIDADE NUMA FEIRA BOLIVIANA, KANTUTA

Maria do Rosário Rolfsen Salles

Professora da Universidade Anhembi Morumbi, Brasil. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil.

E-mail: mrrsalles@uol.com.br

Marielys Siqueira Bueno

Professora da Universidade Anhembi Morumbi, Brasil. Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

Email: marielys@gmail.com

Senia Regina Bastos

Professora da Universidade Anhembi Morumbi, Brasil. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Brasil.

Email: bseniab@terra.com.br

Resumo

O mundo atual conhece uma intensa mobilidade humana devido a um acentuado deslocamento de pessoas provocado principalmente por dois movimentos: o turismo e ao processo migratório. São Paulo desempenha no cenário nacional um importante papel centralizador da cultura e da economia e, em função disso exerce uma forte atração, principalmente dos imigrantes. Evidentemente, tanto as viagens turísticas quanto as condições políticas e sociais que provocaram as imigrações já existiam antes do período chamado de modernidade, mas, atualmente, o que se destaca, é a dimensão e o ritmo desses movimentos. Assim, a questão do acolhimento, da hospitalidade, questões tão antigas quanto a humanidade vai ganhar novas formas, novos contornos, novas dimensões que instigam a reflexão e colocam desafios para a hospitalidade moderna. Nosso objetivo foi mostrar, dentre as inúmeras formas e possibilidades de acolhimento e de hospitalidade, o potencial acolhedor e hospitaleiro dos espaços que permitem formas de vivências revitalizadoras, que dão um sentido de participação e que ajudam, pelo compartilhar de um espaço festivo, romper as barreiras dos preconceitos e dos distanciamentos culturais, tomando como referência a experiência da imigração boliviana para São Paulo, e sua expressão comunitária na feira da Kantuta.

Palavras-chave: Hospitalidade. Turismo. Mobilidade. Imigração boliviana. Acolhimento. Praça da Kantuta/SP.

Talvez devido à proximidade com a Estação da Luz e por abrigar uma das primeiras hospedarias oficiais de imigrantes, o Bom Retiro se tornou uma região de referência para as variadas levas de imigrantes e migrantes (IPHAN, 2009).

1 RECEBER, ACOLHER: DESAFIOS DA HOSPITALIDADE

Modernidade, pós-modernidade, globalização – termos que tentam identificar as complexas características das relações sociais, políticas e econômicas da atualidade. Toda voracidade das relações econômicas, o vertiginoso avanço das técnicas e o amplo progresso das ciências supostos na noção de modernidade levam as sociedades a um extremo dinamismo que, pela amplitude das atividades que se entrelaçam, desafiam as Ciências Sociais.

A modernidade, pode-se dizer, institui-se historicamente ao longo do período compreendido pela desagregação da ordem feudal e as transformações ocorridas nos séculos XVI, XVII e XVIII, basicamente características da Idade Moderna e da Revolução Industrial, em que se implanta e consolida a ordem capitalista, e que constitui uma visão de mundo que está relacionada ao projeto de mundo moderno, empreendido em diversos momentos desse período, mas que compreende também a atualidade.

Baumann (1997) chama a atenção para o fato de que com a obra: O mal estar na cultura ou: O mal estar do homem na civilização, de 1930, que em português se intitula: O mal estar na civilização, Freud enfatiza as consequências intencionais ou não da modernidade que levam à auto compreensão da sociedade e de seus “mal-estares”, como uma atividade da cultura e da civilização, em que a civilização e a modernidade, aparecem como a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada e em cujo processo os indivíduos sempre perdem. Também, Giddens (1991, p.14) afirma que a modernidade, assim, nos desvencillhou, de forma sem precedente, de todos os tipos tradicionais de ordem social: “Tanto em sua extensão quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes”. Ele chama a atenção para o impacto dessas mudanças que, pela sua amplitude e pelo pequeno período histórico, limitam as tentativas de interpretação pois, “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda superfície da terra (GIDDENS, 1991, p.15)”. Na contemporaneidade, a civilização pós- industrial, a pós modernidade, acirram as liberdades individuais, acentuando as perdas e ganhos em diferentes esferas.

Além disso, o processo da globalização e sua acentuação a partir dos anos 1980, tem encontrado eco nas mais diferentes áreas do conhecimento, em virtude do impacto das mudanças sobre a economia, a cultura, o cotidiano das pessoas e dos países. Se por um lado, o processo significou abertura de fronteiras a capitais e mercadorias, por outro, acirrou a mobilidade de pessoas por motivos de turismo ou de negócios, migração ou imigração, ressaltando-se o crescimento do número de refugiados em consequência das guerras regionais, significando, por outro lado, o fechamento relativo das fronteiras a um certo tipo de migrantes e imigrantes, considerados indesejáveis. Essa contradição tem provocado discussões de toda ordem, sobretudo quando se trata de comparar turismo e imigração. A esse respeito Gotman, (1997), escrevendo sobre a hospitalidade nos dias atuais, ressalta que se para o turismo a hospitalidade reveste-se de um caráter monetário, pago, para as demais formas de deslocamentos, há regras e restrições bastante claras, caracterizando-se, esse processo, por uma hospitalidade cada vez mais voltada para a criação de espaços de gratuidade e caridade no âmbito das políticas públicas e privadas de acolhimento, que têm que resolver o problema da acomodação dos forasteiros. Na falta do estado, são as organizações não governamentais, associações etc., que são chamadas a atuar nessa tarefa de acolhimento.

De qualquer forma, vive-se o processo de intensificação da mobilidade, seja pelo turismo em todas as suas vertentes atuais, seja pelos movimentos populacionais ocasionados por todas as formas de imigração entre fronteiras, cidades e países.

2 MOVIMENTAÇÃO POPULACIONAL: TURISMO E IMIGRAÇÃO

Essa intensa mobilidade, esse cruzar de fronteiras, tão amplamente difundido no mundo contemporâneo se deve, entre outros fatores, à ampliação e à eficiência dos meios de transporte facilitando uma locomoção que quase não encontra obstáculos. Por outro lado, a esmagadora presença dos meios de comunicação representa um apelo estimulante para busca de novos lugares, novas experiências. Faz parte desse processo uma intensa mobilidade de indivíduos na qual podemos destacar o imigrante e o turista.

2.1 Turismo

Evidentemente tanto as viagens quanto as condições econômicas, políticas e sociais que provocam as migrações já existiam antes do período chamado de modernidade, mas o que se destaca, no entanto, é a dimensão e o ritmo desses movimentos.

Como observa Rodrigues (1996, p. 17) o turismo é “incontestavelmente um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais”, por movimentar um enorme volume de pessoas e de capital. Segundo sua avaliação esses “impactos tão marcantes nos conduzem a pensar que a revolução promovida pelo lazer e pelo turismo, nas suas distintas expressões, será o sucedâneo da revolução industrial” (RODRIGUES, 1996, p.17).

O impulso do homem em transpor seu território em busca de novos lugares é uma prática presente ao longo da trajetória humana. Na modernidade constata-se o surgimento do turismo, que se diversifica e amplia os seus atrativos de forma ininterrupta. A complexidade desse movimento impacta o meio ambiente, interfere nos usos e costumes bem como nos bens culturais da sociedade receptora. Cara (1996) afirma que do ponto de vista territorial, o turismo é um grande consumidor de espaços mas, além disso é produtor de transformações da maior magnitude.

Ruschmann (1996) lembra que o patrimônio ambiental é essencial para o turismo e, por essa razão, ele se torna extremamente vulnerável e frágil e algumas explorações turísticas intensivas o alteram de forma irreversível e isso tem acarretado críticas da comunidade acadêmica.

Barretto (2001) aponta que as principais críticas a esse tipo de turismo muito invasivo, refere-se ao fato dele transformar o legado cultural em bens de consumo. A autora argumenta: “o legado cultural, assim transformado em produto de consumo perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas” (BARRETTO, 2001, p.48). Evidentemente esses aspectos repercutem também nas relações entre o turista e o morador e, sem dúvida, é um grande desafio para a hospitalidade.

As análises e estudos acadêmicos enfatizam os benefícios do turismo às localidades.

Por isso, tratam da natureza, da paisagem, do patrimônio histórico, como **recursos** do turismo. Aliás, inclusive as ‘populações nativas’ são encaradas como recurso turístico, já que os pesquisadores em muitos casos, são ufanistas em elogiar o aproveitamento das ‘tradições culturais’ pelo setor (OURIQUES, 2006, p. 2).

O turismo incomoda, segundo Knafou (1996), sobretudo, por ser estrangeiro e móvel. São vários os incômodos apontados por ele: aumento de preços, formas variadas de poluição, transformação do local etc. Segundo esse autor, a rejeição ao turista, que se revela na constante frase ‘antes era melhor’, é velha como o mundo. Exemplificando cita Vitor Hugo que lastimava o fato do pequeno e charmoso porto de Biarritz ter se transformado em estação turística.

Há no caso do turismo uma ritualização institucional de acolhimento que nos lembra a afirmação de Baptista (2007, p.137): “Todos os dias surgem novos espaços públicos – praças, parques, centros comerciais – lugares atrativos, plenos de novidade e aparentemente acessíveis a qualquer um, mas artificiais e humanamente descaracterizados”.

De forma radical, Brito (2007) não vê espaço nem condições para a hospitalidade no turismo. Segundo ele:

[...] longe de ser uma atividade benemerente, o turismo envolve uma relação entre visitantes e prestadores de serviços, mediada pelo dinheiro e que tem como objetivo a obtenção do lucro, em algumas situações, de forma exorbitante. Sob a influência do turismo, a hospitalidade e a generosidade das pessoas são veiculadas nos catálogos das agências de viagens, transformando-se, assim, em elemento de atração dos destinos turísticos (BRITO, 2007, p. 23).

A visão de Brito (2007), embora corresponda à grande parte da realidade turística, não deixa de ser redutora, eliminando todos os lugares, espaços onde se estabelecem as relações acolhedoras que certamente existem.

Nessas considerações, a hospitalidade se fundamenta na dádiva, ou seja, no ato de receber, está implícito que quem recebe deve retribuir (MAUSS, 1974), estabelecendo-se assim, um sistema de dons e contradons que sedimenta as relações sociais. Entretanto, embora a ideia de circulação permeie todo o estudo sobre a dádiva, seu objeto não pode ser reduzido àquilo que circula, mas sobre o sentido daquilo que circula, introduzindo-se portanto as noções simbólicas da dádiva e da hospitalidade como expressões ao mesmo tempo desinteressadas e obrigatórias da circulação dos bens (GODBOUT, 1997; LANNA, 2000, GODBOUT, CAILLÉ, 1999).

Apesar das dificuldades que alguns autores têm em aceitar a circulação da dádiva e da hospitalidade em ambiente comercial, Godbout e Caillé (1999) enfatizam que a dádiva e a hospitalidade, no entanto, não são expressões de trocas e circulação de coisas, mercadorias, mas de pessoas, de relações sociais. Ele acredita que as trocas permeiam todas as instâncias da sociedade, a política, a cultural, a social e inclusive a econômica, aonde a troca monetária predomina, sendo, portanto, um fenômeno social total. Para esse autor, nenhuma instância se mantém sem que nela circule um mínimo de dádiva e de hospitalidade, a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório (MAUSS, 1974).

Desta forma, assistimos à questão do acolhimento, da hospitalidade, questões tão antigas quanto a humanidade, ganharem novas formas, novos contornos, englobando novas dimensões que instigam a reflexão e colocam desafios para a hospitalidade contemporânea.

2.2 Imigração

No entanto, esse cruzar de fronteiras, quando se trata dos movimentos migratórios, vai também se constituir como desafios para a hospitalidade, mas são desafios de outra natureza. Para Dornelas (2007, p.3) “na complexa realidade migratória, a questão da hospitalidade e da acolhida se impõem de maneira cada vez mais incisiva sobre o modo como conceber atualmente a democracia”.

Diferentemente dos deslocamentos turísticos, a trajetória da imigração envolve os sentimentos de desligamento, da perda da terra de origem que estabelece o sentimento de insegurança gerado pelas expectativas de como será recebido além da ansiedade diante de novos desafios.

Enquanto os deslocamentos do turismo são mediados por empresas financeiras, e há todo um aparato profissional oficial de acolhimento, o imigrante é recebido/acolhido de maneira geral por redes de sociabilidade que substituem a função pública de conduzir e facilitar a sua integração.

Raffestin (1997) afirma que a territorialidade de um país ou de uma cidade define um conjunto de relações que uma sociedade mantém com ela mesma e também com a exterioridade. Referindo-se ao momento em que as cidades se implantaram, mostra que elas estabeleceram os limites, as fronteiras. Portanto uma fronteira marca o limite físico de um país ou de uma cidade, mas estabelece igualmente uma fronteira de outra ordem, de ordem moral. Para esse autor, o ultrapassar de uma fronteira supõe um convite ou uma autorização. Mas o estrangeiro, ao ultrapassar essa barreira, que ele nomeia de ‘material’, deverá também passar por outras barreiras, denominadas ‘imateriais’ por Raffestin (1997). A barreira imaterial possui limite abstrato, regulado culturalmente por valores e normas que determinarão a natureza da relação que pode assumir nuances que vão da abertura, do acolhimento à rejeição e à hostilidade.

O turista, embora seja visto por alguns segmentos com restrições, ou mesmo uma certa hostilidade, é, por definição, bem aceito pois sua permanência além de passageira traz retornos financeiros para o lugar. Na realidade ele é esperado, procurado, atraído por campanhas publicitárias, portanto, há uma preparação para o acolhimento, para a hospitalidade.

Na condição dos imigrantes a hospitalidade e o acolhimento ganham uma forma específica, particular. As políticas da imigração filtram a fronteira material permitindo a entrada do imigrante conforme seus interesses ou compromissos, mas o imigrante, seja o legal ou o clandestino, para superar as barreiras imateriais impostas pelo *ethos* cultural, fica sujeito a reações que podem variar de fáceis assimilações a fortes discriminações.

O imigrante vem para ficar e traz sua cultura, seu modo de ser e condições psicológicas particulares em razão das rupturas com suas raízes e, para ser inserido na nova cultura precisa reconstruir os papéis sociais e isso não se faz sem aprender os valores e os códigos que balizam a conduta do novo país. Nesse processo, as instituições e a cidade recebem e acolhem dentro de suas possibilidades e contradições, mas o que ressalta é a contradição entre a migração e os fenômenos de pertencimento, o que se observa nos processos de integração às sociedades receptoras.

A urbanização intensa da sociedade é um dos aspectos mais marcantes das mudanças que implicam numa reflexão ao mesmo tempo sobre os processos migratórios e o turismo, e as consequências sobre as cidades. Na Introdução do livro: *Villes et hospitalité. Les municipalités et leurs "étrangers"*, Gotman (2004) chama a atenção para esse processo nas sociedades ocidentais:

[...] a urbanização da sociedade se apoia de dois séculos para cá, numa dupla exigência: a necessidade de um fluxo continuamente renovado de forças de trabalho e, portanto, das migrações; e a manutenção de estruturas estáticas protegendo, garantindo o desenvolvimento do capitalismo e da cidadania (GOTMAN, 2004, p. 1).

É bom lembrar que, entre as grandes transformações introduzidas pela Revolução Industrial, certamente aparecem a formação das cidades, a urbanização e o aumento dos fluxos migratórios, o que redimensionou antigos problemas e introduziu problemas inéditos, entre os quais, a pobreza, a prostituição, a falta de infraestrutura urbana e de espaços públicos (áreas e parques públicos), como atestam os movimentos pelo lazer urbano no século XIX e os movimentos pela higienização dos espaços etc. Contemporaneamente, a experiência imigratória, pode-se dizer, tem impulsionado a criação de espaços cuja identidade liga-se a determinados grupos, como é o caso da Praça Kantuta, objeto deste artigo. O recurso à experiência imigratória dos bolivianos em São Paulo decorre da observação de que sua presença, ao mesmo tempo invisível e marcante na cidade, tem na preservação da cultura e da alimentação, um dos aspectos mais significativos no processo de integração à cidade.

Essa integração pode ser bem sucedida como nos exemplos que Godbout (1997) aponta nos Estados Unidos: em muitas cidades as pessoas gostam de comer na 'Pequena Itália'. Em Montreal, os montrealenses são orgulhosos de 'seu' bairro português. No Brasil também encontramos exemplos felizes de relações que se estabelecem e se reforçam ao longo do tempo, sobretudo em cidades que receberam e continuam recebendo fluxos importantes de imigrantes estrangeiros e migrantes internos, como é o caso de São Paulo, onde se pode observar a presença marcante de italianos nos Bairros da Móoca, Bexiga e Brás, e atualmente, de nordestinos, bolivianos, africanos de diversas origens etc.; os japoneses no Bairro da Liberdade, posteriormente escolhido também por chineses e coreanos; armênios, sírio-libaneses, judeus¹ e atualmente, bolivianos e coreanos no Bom Retiro.

Como parte importante no processo de integração, percebe-se a troca cultural verificada em espaços públicos, ruas e praças, que são ocupados e transformados por festas "étnicas": as italianas, São Vito, São Gennaro e Acchiropita, assim como atualmente, as bolivianas: Virgem de Urkupiña, Alasitas e Nossa Senhora de Copacabana, além de feiras, como a japonesa da Liberdade

¹ Póvoa (2007) destaca a migração territorial dos judeus, inicialmente concentrados no Bom Retiro, redirecionaram-se para Higienópolis e, atualmente, instalam-se no Bairro do Morumbi.

ou a boliviana da Kantuta. É interessante observar as igrejas, associações culturais, esportivas e de toda ordem que se criam em decorrência do processo migratório e que constituem verdadeiros espaços de lazer, acolhimento e hospitalidade por parte das próprias comunidades. É bastante conhecido o aspecto restritivo da política migratória brasileira desde o início da grande imigração nas décadas finais do século XIX, em nome do branqueamento da população, que assim estabeleceu os imigrantes latinos² como “preferenciais”, em detrimento daqueles que eram considerados muito diferentes nos costumes, na língua e na religião, como judeus e japoneses, por exemplo. Nesses casos, a tendência ao “enquistamento”³, era o diferencial, ao contrário dos demais, mais “assimiláveis”.

Mas não podemos esquecer que existe todo um processo, um aprendizado que se insere num contexto de rupturas, de perdas e ganhos. Além disso, em muitos casos as novas experiências e as necessárias adaptações precisam contornar hábitos, costumes que muitas vezes entram em choque, em desacordo com as tradições da sociedade de acolhimento. Observam-se processos de reelaboração das referências culturais imigrantes, ou seja, a “reinvenção” dos hábitos e costumes na nova localidade.

Nem tudo o que faziam em suas pátrias é realizado aqui; são escolhidos alguns elementos que se ressignificam no novo lugar. Essas reelaborações não são estáticas, são transitórias e estão a todo o momento sendo reformuladas [...] diferenças alimentares, de gestos e hábitos nos lugares de origem, no Bom Retiro, podem ser esmaecidas e reformuladas, de modo a construir uma nova referência. [...] Ao mesmo tempo em que cada grupo e cada indivíduo constroem variados tipos de pertencimento, os membros de outros grupos também acompanham essas manifestações de um e de outro (IPHAN, 2009).

Ecléa Bosi (1987) ressalta a situação de perda do imigrante apontando o fato de que ele perde sua paisagem e suas múltiplas raízes se partem. Por essa razão ela julga justo pensar a questão da imigração em termos de desenraizamento para mergulhar numa nova cultura. Mas o importante, segundo ela “é não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que se pode renascer nessa terra de erosão” (BOSI, 1987, p. 16).

A questão que se coloca quando se pretende entender a acolhida dispensada ao imigrante pelas sociedades receptoras, é, em primeiro lugar, a identificação do “lugar” que o imigrante ocupa no tecido social. Entretanto, aprendemos com Sayad (1998), que quando se fala de “imigração”, já se está considerando a sociedade receptora, que, como observa Bourdieu (1998) no Prefácio desse livro, “coloca o problema dos ‘imigrantes’, apenas quando os imigrantes constituem um problema” e ao fazê-lo, os analistas do processo migratório omitem o que Sayad considera o ponto de partida, as razões das partidas dos seus locais de origem. Ou seja, os imigrantes são, antes de tudo emigrantes, com uma enorme diversidade de condições de origem e trajetórias. Bourdieu (1998) chama a essa colocação fundamental de Sayad de ruptura com um etnocentrismo inconsciente, que tende a desconsiderar as particularidades que podem explicar as diferenças dos destinos posteriores dos imigrantes na sociedade receptora.

Assim, o impacto da chegada a um país estrangeiro, torna-se crucial para as pessoas que se encontram deslocadas do seu espaço social, ainda privadas de uma classificação social, processo que Sayad chama de “desenraizamento”- nem cidadão, nem estrangeiro, o imigrante encontra-se na fronteira entre duas sociedades, incômodo, sem lugar.

Nesse sentido vale lembrar as considerações de Raffestin (1997) apontando para a importância de espaços de diálogos entre os antigos e os novos habitantes para criar uma ponte entre as diferentes comunidades estrangeiras e a comunidade nacional. Esses espaços de diálogo, afirma ele, poderiam ser de grande utilidade para melhorar a hospitalidade geral, criando condições,

² A documentação do período enfatiza a preferência por portugueses, espanhóis e italianos, considerados latinos.

³ A concentração de imigrantes de uma mesma etnia em determinadas região motivava a preocupação das autoridades com a sua assimilação na sociedade brasileira nos anos 1930/1940, ao que denominavam enquistamento étnico.

um clima favorável para vivenciar a diferença em situações propícias aos encontros e opções comuns.

Mas o fator preponderante para o imigrante são suas possibilidades de inserção econômica que, por um lado se beneficia com o crescimento do trabalho informal por outro lado favorece as imigrações irregulares que propiciam aos empregadores a submetê-los a condições degradantes de trabalho, com jornadas exaustivas em locais que oferecem risco à saúde e à segurança. Isso faz com que os estudos sobre o fenômeno da imigração ganhem novas perspectivas e, no dizer de Dornelas (2007, p. 3):

[...] o interesse sobre a acolhida e a hospitalidade se amplia ainda mais, na medida que ganha repercussões econômicas e políticas no contexto da globalização. Desse forma é que se pode entender a reivindicação por políticas públicas que venham suplementar e apoiar socialmente o papel exercido pelas redes.

3 IMIGRAÇÃO BOLIVIANA

No quadro da caracterização do Brasil como um país de imigração desde finais do século XIX até os fluxos de entradas, ainda que menores, no pós-segunda guerra mundial, as “recentes” entradas de coreanos, latino-americanos, chineses, africanos e mais recentemente ainda, de portugueses e espanhóis, qualificados, sírios e haitianos, refugiados de diferentes nacionalidades, reafirmam o Brasil como país receptor, num momento em que se discute desde a década de 1980, o caráter emigratório face aos fluxos das significativas saídas de brasileiros rumo aos países desenvolvidos da Europa, EUA e Japão. A imigração boliviana torna-se nesse contexto, decisiva para esse processo. Nesse caso, “[...] o país passou a contar com a tradicional e histórica imigração boliviana na fronteira, ao mesmo tempo que viu direcionar expressivo fluxo de imigração boliviana para a metrópole paulista” (BAENINGER, 2012, p. 7).

Ao focalizar os bolivianos, o nosso objetivo é apontar alguns aspectos dos desafios para a hospitalidade e o acolhimento na cidade de São Paulo, na medida em que constituem um fluxo de imigração recente, que criou também espaços de lazer e até de turismo na cidade. Evidentemente, os movimentos migratórios que a partir da década de 1980 têm caracterizado o Brasil como país de emigração e também de imigração, abrangem outras etnias, envolvem muitas outras experiências e muitas outras dimensões. Mesmo a imigração boliviana aqui focalizada, contém implicações e outras interferências que têm sido bastante estudadas nos últimos anos (BAENINGER, 2012; CYMBALISTA, XAVIER, 2007; MILANESE, 2012; SILVA, 2009; SILVA, 2005; XAVIER, 2012). Desta forma, selecionaram-se alguns aspectos para apontar os desafios da hospitalidade e algumas possibilidades de agenciamento que facilitam as mediações entre os imigrantes no seu novo país⁴.

A recente imigração boliviana constitui um exemplo da precariedade das condições de trabalho que o imigrante, cuja mão de obra não apresenta qualificação técnica ou formação de nível superior, encontra na cidade de São Paulo. Imigração recente porque o fluxo migratório dos bolivianos se iniciou em 1950. Mas esses imigrantes tinham características bem diferentes dos atuais. Esses primeiros imigrantes eram estudantes que vinham completar seus estudos e muitos acabavam ficando no Brasil. Outros vieram por motivos políticos decorrentes de intervenções militares nas décadas de 1960 e 1970 (SILVA, 2005).

De acordo com Silva (2005), as transformações econômicas da Bolívia nos anos 1980 são responsáveis pela mudança no perfil desse imigrante. Essas transformações passam por uma sucessão de fatos, como uma crise no setor mineiro, acompanhada por uma reforma agrária que gerou uma evasão do campo para cidades, despreparadas para receber esse acréscimo migratório, uma vez que o processo de industrialização é muito recente, incapaz de absorver o fluxo proveniente das diferentes regiões. Assim, sem oferecer muitas perspectivas e com altos índices de desemprego, a imigração passou a significar uma saída para muitos bolivianos.

⁴ Fixaram-se nos bairros paulistanos do Bom Retiro, Brás, Pari, Casa Verde e Vila Maria (IPHAN, 2009).

Mas para Freire da Silva (2009, p.6) “estas mudanças internas na Bolívia não são condições suficientes para explicar o processo migratório”. Para ele é importante considerar as oportunidades oferecidas por São Paulo que, nessa época criava condições específicas para a absorção desses imigrantes, sobretudo no ramo da costura. Ou seja, ele acredita que a articulação entre as dinâmicas migratórias bolivianas e coreanas desempenhou um papel importante de atração para os bolivianos em busca de emprego.

Esse encontro se dá em função do desenvolvimento do setor de confecções. Foi um encontro muito desigual, pois a atuação dos coreanos no setor já era expressiva visto que “contavam com um sistema próprio de financiamento e de relações privilegiadas com empresários da Coréia do Sul no setor têxtil, atuando também como importadores de tecidos sintéticos (KONTIC, 2001 apud SILVA, 2009, p.5)”⁵

Os números que representam a imigração boliviana variam bastante, inclusive para a própria Polícia Federal que apontava para 1955, 255 bolivianos e em 1999, 17.897 pessoas (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p.123). Entre regulares e indocumentados, os números atuais variam de 30.000 a 200.000, dependendo da Instituição recenseadora, desde o Consulado boliviano, até a Pastoral dos Imigrantes e o Ministério Público.

Assim, além do importante crescimento desta imigração, o novo perfil é composto por jovens de ambos os sexos, de escolaridade média, atraídos pelos empregadores coreanos, ou mesmo brasileiros e bolivianos para a indústria de confecção (SILVA, 2012). Concentrados na Região Central, em bairros como Bom Retiro, Brás e Pari e vindos, sobretudo, pelo aliciamento ou propaganda enganosa. Criaram organizações sociais, culturais e gastronômicas, como a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento ou a Associação Cultural de Grupos Folclóricos Bolívia/Brasil.

A Praça Kantuta, onde acontece a feira gastronômica aos domingos, passou a ser o palco das principais manifestações culturais e um canal de trocas com a sociedade de acolhimento. A sociedade paulistana, acolhedora aparentemente, resistiu a determinados tipos de imigrantes, como os descendentes de africanos, indígenas, japoneses, chineses e judeus, mostrando que a propalada hospitalidade encobre reais situações de encontro. Assim, considera-se o caso desta imigração oportuna para a discussão aqui proposta, sobretudo no que se refere às formas urbanas de acolhimento e de hospitalidade. A título de exemplo, destaca-se a transferência da feira Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana da Praça Padre Bento, no Pari, para a Kantuta, no Canindé, a partir de 2002, em decorrência dos atritos entre moradores e frequentadores.

Com relação às atividades de confecção, liderada pelos coreanos⁶, os bolivianos⁷ entraram num circuito de dominação e exploração econômica reforçada pela relação da imigração irregular. Enfrentaram, ainda, dificuldades para se adaptar à nova cultura e o aprendizado do idioma. Em muitos casos, redes informais constituídas por imigrantes que chegaram inicialmente à cidade, auxiliaram nesse processo, atraindo para a localidade onde residem e trabalham um fluxo de novos imigrantes.

⁵ Os coreanos adotam uma espécie de consórcio denominado Kye, que reúne capital de um grupo constituído por coreanos do mesmo círculo social e que pode ser destinado a um membro. Ao dispor desse recurso a pessoa fica comprometida com uma série de obrigações com esse grupo (IPHAN, 2009).

⁶ Os primeiros coreanos chegaram ao Brasil nos anos 1930, nesse período a Coréia era dominada pelo Japão e esses imigrantes tinham passaporte emitido pelo governo japonês. Nos anos 1950, em decorrência da Guerra da Coréia, ingressam no Brasil refugiados coreanos, e na década seguinte é realizado um convênio de migração com a Coréia do Sul para a colonização do interior. A imigração individualizada e de iniciativa pessoal caracteriza o movimento dos anos 1970, cujo destino é, sobretudo, urbano. Na cidade de São Paulo a principal atividade econômica dos coreanos é o setor de confecções, notam-se, também, outros negócios, tais como mercearias, restaurantes e o setor de serviços. Concentram-se nos bairros paulistanos do Bom Retiro, Brás, Aclimação e mais recentemente, no Morumbi (IPHAN, 2009).

⁷ Cumpre apontar a presença de imigrantes paraguaios, peruanos, equatorianos e argentinos também envolvidos na atividade de confecção de roupas nos bairros do Bom Retiro e Brás, compartilhando a mesma dinâmica dos bolivianos (IPHAN, 2009).

Reunidos em oficinas de costura, muitas vezes os trabalhadores não possuem contratos de trabalho, recebem por peça fabricada, e devido ao baixo valor dado ao serviço de costurar cada peça, acabam por realizar longas jornadas de trabalho de mais de 12 horas/dia (IPHAN, 2009).

Mas gradativamente, adquirindo alguma experiência no trabalho com a costura, os bolivianos criaram condições de abrirem suas próprias oficinas e prestarem serviços por encomenda. E ao montarem suas próprias oficinas se tornaram capazes de se mobilizarem, criando condições para trazerem parentes e amigos. Muitos aproveitavam os períodos de baixa temporada para voltarem ao seu país e sempre voltavam com mais pessoas para expandir suas oficinas.

A inserção dos bolivianos na cidade de São Paulo não ficou, evidentemente, restrita a essa forma de trabalho nas confecções. Mas as condições a que foram submetidos – moradia precária, longas jornadas de trabalho e baixa remuneração etc. – são exemplares para a discussão da importância dos estudos sobre acolhimento e hospitalidade para desvendar as relações que explicam os espaços de convívio que acabam sendo criados para amparar as comunidades imigrantes. Freire da Silva (2009, p.8) aponta a fragilidade dessas relações: “sem muitas possibilidades de defesa contra a extrema exploração do seu trabalho, sujeitos a multas e sob a ameaça de deportação”.

Os bolivianos recorrem aos serviços públicos destinados às camadas populares nacionais, visto que não dispõem de instituições de assistência social, educacional, crédito e de saúde próprias. Salienta-se que a principal instituição de referência da comunidade boliviana é a Pastoral do Migrante⁸, que além de abrigá-los na Casa do Migrante nos primeiros tempos, desenvolveu um serviço de regularização de documentos e de encaminhamento ao mercado de trabalho, como aliás faz com todas as comunidades que por lá passam..

Ressalte-se que se criam estratégias dentro mesmo das comunidades, de acolhimento, recepção e colocação dos conterrâneos, ou espaços de acolhimento e hospitalidade, como as pastorais, que aparecem como recursos quando as redes sociais dentro das comunidades ainda não estão criadas e desenvolvidas. Indagar quais são esses espaços, suas funções e condições de acolhimento é uma tarefa para futuras pesquisas.

4 ESPAÇOS OU LUGARES DE HOSPITALIDADE

Oliveira (1996, p.258) ressaltando a importância do espaço para favorecer e estimular o convívio social diz: “Como produtor de relações sociais, o espaço é o que permite ou inibe viabilizar ou inviabilizar as ações e seus resultados e sobretudo suas possibilidades”. Raffestin (1997) também reforça o valor desses espaços de diálogos pois acredita ser de grande utilidade para melhorar a hospitalidade de uma cidade, por possibilitar as trocas entre os antigos e novos habitantes, e permitir a criação de pontes capazes de superar as diferenças entre as comunidades estrangeiras e a comunidade nacional.

Referindo-se a um bairro parisiense, Belleville, Gomes (2002) ressalta a importância das funções não econômicas ou de hospitalidade do comércio étnico, o bairro valorizado como lugar de convivência e memória, o que pode de certa forma ser assemelhado ao caso aqui tratado, uma vez que, como diz a autora, Belleville, situado no leste parisiense, é um dos *quartiers* mais densamente habitados, populares, um território marcado pela co-presença e convivência entre imigrantes provenientes de diversas levas. Embora destaque o comércio como uma atividade agregadora, chama a atenção também, para a possibilidade de convivência entre os habitantes, função que ultrapassa o simples abastecimento da população.

⁸ A ação da Pastoral tem origem na obra assistencial dirigida aos imigrantes italianos, desenvolvida no período da imigração de massa para o Brasil, das últimas décadas do século XIX às primeiras do século XX, cujo marco foi a criação, por Dom Giovanni Baptista Scalabrini, Bispo de Piacenza, Itália, da Congregação dos Missionários de São Carlos, em 1887. A vertente feminina, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, foi instituída posteriormente, em 1895. A missão da Pastoral não se reduz à ação evangelizadora e abrange a assistência e a proteção ao imigrante, mantém a Casa do Migrante localizada no prédio anexo à Igreja Nossa Senhora da Paz, localizada no Bairro do Glicério, região central de São Paulo.

Segundo Godbout (1997) a hospitalidade é um dom do espaço, entende-a como a abertura de um espaço (doméstico, social, comercial) ao outro, no caso entendido como hóspede. No mesmo sentido de reflexão sobre o valor e a importância do espaço e sua contribuição para a manutenção do capital social, Gotman (1997, p. 7) afirma que “as relações humanas se estabelecem e se reforçam ao longo do tempo e num espaço restrito propício aos encontros e às opções comuns”. Destaca-se o valor e a função integradora dos espaços que os bolivianos foram, aos poucos, conquistando, entendendo-se então por espaços, tanto os territórios (territorialidade) ocupados para morar e trabalhar (bairros), como as praças nas quais desenvolvem manifestações públicas e culturais. Eles, na medida em que se organizavam, conquistavam também espaços onde foram imprimindo a sua marca, a sua identidade, embora sejam sempre lembrados pela sua “invisibilidade”.

A concentração dos bolivianos no Bairro do Bom Retiro, Brás e Pari constitui uma dos fatores para a designação da Praça da Kantuta, na fronteira entre os distritos do Bom Retiro e o Pari, para a realização da Feira Boliviana. Kantuta é o nome de uma flor que cresce no altiplano e, talvez, tenha sido escolhida por ter as cores da bandeira boliviana – verde, amarelo e vermelho.

4.1 A Praça e a Feira Boliviana da Kantuta: um pedacinho da Bolívia em São Paulo

A praça e as ruas do entorno, constituem espaço negociado com a Prefeitura e a população local para acolher a Feira Boliviana Kantuta, organizada pela Associação Gastronômica, Cultural, Folclórica Boliviana “Padre Bento”¹⁰, nas proximidades de algumas fábricas e do Centro Federal de Ensino Técnico (CEFET) desde 2002. Anteriormente (1993) se reuniam na Praça do Padre Bento ou Praça Pari como é chamada pelos moradores¹¹, nas imediações da Igreja Santo Antonio do Pari, mas o incremento do número de frequentadores nos fins de semana, acúmulo de lixo e casos de violência resultaram em protestos dos moradores e a solução foi a transferência para um novo local. Depois de várias negociações, a Prefeitura concedeu aos bolivianos um novo espaço no mesmo bairro num local mais isolado.

Fotos 1 e 2: Praça da Kantuta e fornecimento de água para os vendedores



Fonte: Bastos (2010)

⁹ O logradouro originalmente não possuía nome e recebeu a atual denominação em 2004 em homenagem aos frequentadores da feira. Localiza-se no encontro da Rua Pedro Vicente com a Rua das Olárias (IPHAN, 2009).

¹⁰ A Associação composta vendedores bolivianos e brasileiros foi oficializada por meio de publicação no Diário Oficial do Município de 28/02/2003 (IPHAN, 2009).

¹¹ A primeira barraca comercializava anticucho, por iniciativa de dona Alberta Valdez, aos domingos (IPHAN, 2009).

O evento dominical¹² foi legalizado e se tornou um espaço de encontro onde os bolivianos e outros latinos, tais como os peruanos, paraguaios e equatorianos, rememoram suas músicas, seus sabores, sua arte, trocam informações sobre a cidade, oportunidades de trabalho, de moradia, lazer etc. Além da feira, cujas barracas enfileiram-se dos dois lados das ruas, a praça comporta práticas esportivas (quadra) e de lazer, com alguns brinquedos para as crianças e apresentações culturais no pequeno palco (IPHAN, 2009). A limpeza da área é realizada pelos próprios bolivianos e a água necessária às barracas de alimentação é fornecida por caminhão pipa no início das atividades (fotografia 2). A feira constitui um “espaço de trocas culturais e comerciais, de lazer, de celebrações importantes para a comunidade boliviana que mora em São Paulo, de apresentações de danças folclóricas das várias regiões da Bolívia (IPHAN, 2009)”, e, como salienta Baptista (2008, p. 6) um lugar de hospitalidade, entendendo-se por lugar de hospitalidade, os “lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade [...], de afirmação identitária [...], lugares abertos ao outro”.

No início vinham divertir-se e viver um pouco os costumes de seu país, mas o movimento foi aumentando e é cada vez mais comum encontrar paulistanos curiosos em conhecer o artesanato, a cozinha e a música boliviana¹³. Carlos Souto um dos fundadores da Associação Gastronômica, Cultural e Folclórica ‘Padre Bento’, aposta na Kantuta como um ótimo programa de domingo para estrangeiros que poderá, além de aproximação, mudar a visão negativa de traficantes internacionais de drogas e escravos nas confecções do Bom Retiro (CAMARGO, 2006).

Fotos 3 a 5: Barraca com artesanato boliviano, corte de cabelo e comércio de cd e dvd



Fonte: Bastos (2010)

Na feira encontramos barracas de artesanato com peças de argila e de madeira, de lã de alpaca, lhama e vicunha, bolsas com matéria prima vinda da Bolívia, objetos musicais etc. Outras barracas oferecem alimentos e pratos típicos bolivianos, que diferem de acordo com a região do país (espetinho de anticucho¹⁴, fricase paceno, chicharron, pães, salteñas¹⁵ etc.) e múltiplos serviços – como proposta de empregos, corte de cabelo – a Praça apresenta, também, várias manifestações culturais como as festas de *Alasitas* (24 de janeiro), Festa de Nossa Senhora de Copacabana (6 de agosto), o carnaval entre outras.

¹² Por se situar nas proximidades de um lugar de votação, o CEFET, a feira é suspensa nos dias de eleição (IPHAN, 2009).

¹³ A comunidade reúne organizações de cunho artístico cultural, denominadas por fraternidades. Constituem conjuntos de música e de dança, inspiradas nas tradições regionais bolivianas, destacam-se: Sociedad Folklórica Boliviana, Fraternidad Nueva Revelación, Fraternidad Los Fanaticos, Fraternidad Morenada Bolivia Central e o Grupo Folklorico Nueva Visión Kantuta (IPHAN, 2009).

¹⁴ Churrasquinho típico boliviano, composto por coração de boi no espeto, com batata e molho de amendoim ardido (IPHAN, 2009).

¹⁵ Espécie de pastel assado, feito de massa de farinha de trigo com recheios de frango, carne e queijo (IPHAN, 2009).

Fotos 6 a 10 – Produtos alimentícios e consumo de alimentos de origem boliviana



Fonte: Bastos (2010)

Nas barracas de alimentos diferentes variedades de batata ou de milho sugerem a diversidade gastronômica presente nas iguarias preparadas com tais ingredientes, acessível a poucos metros de distância, quer para o consumo imediato nas mesas cuidadosamente cobertas com toalhas festivamente decoradas (fotografia 9) ou apenas para a compra de pão, bolo etc. (fotografias 6 a 8). Na fotografia 10 observa-se uma família compartilhando uma refeição, sob o toldo da barraca, localizada no perímetro da feira, e que alegremente participa do registro fotográfico, destaque-se que a gastronomia constitui importante elemento de afirmação de identidade, de fortalecimento e de pertencimento a um coletivo, de resistência à perda das referências culturais e compõe a memória culinária. O domínio das formas de elaboração da iguaria integra os saberes técnicos, o conhecimento de práticas e de valores, ou seja, constitui o saber culinário.

A memória culinária é composta por uma “variedade de sabores, aromas e cores que resistem ao impacto do tempo e até mesmo do desenraizamento cultural e geográfico (BELLUZZO; HECK, 1999, p. 13)”. Ao fruir o alimento que pertence a essa memória reafirma-se o seu sentido e vivencia-se a aproximação com o passado, que sobrevive de maneira especial nessas lembranças, atualizadas e reafirmadas nas barracas de alimentos da Kantuta. De acordo com Belluzzo e Heck (1999, p. 14) “[...] a culinária representa um amplo arsenal de identidades que, por não se diluírem no contato com o outro, mantêm a tensão da alteridade, do convívio multicultural que resiste aos efeitos pasteurizados da globalização”.

Silva (2005, p.37) afirma que “a criação de diferentes formas de organização entre os imigrantes é um sinal de que o processo migratório já se consolidou. Uma delas é a festa”. Nas várias festas bolivianas, o que chama atenção é a quantidade de pessoas¹⁶, a diversidade de tradições, ritmos, sabores e objetos da cultura material. Provenientes sobretudo de La Paz e Santa Cruz de La Sierra os bolivianos ainda apresentam entrada crescente no Brasil, trazendo para a sociedade de acolhimento representações culturais da região oriental¹⁷ e da região ocidental¹⁸ da Bolívia.

Os bolivianos trabalham, sofrem várias formas de discriminação e as limitações opressoras do poder, mas reagem criando, principalmente no espaço da Kantuta, formas de vivências revitalizadoras de participação e de reafirmação da sua identidade.

¹⁶ A comunidade boliviana da capital paulista é estimada em 200 mil pessoas.

¹⁷ Destaca-se a cidade de Santa Cruz de la Sierra.

¹⁸ Destacam-se as cidades de Oruro, Cochabamba e La Paz.

Assim, de certa forma, confirma-se a proposta de Baptista (2002) que define hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento e sublinha a necessidade de criar e alimentar lugares que propiciam essas interações que constituem a trama das relações sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira da Kantuta evidencia a importância do espaço, no sentido de território, para consolidar a integração do imigrante às cidades, pois além de ser um espaço de manifestação cultural é, também, um lugar de hospitalidade, de encontros, de comensalidade, de informações, de solidariedade, mecanismos que são acionados no convívio domingueiro e festivo.

Não pretendendo reduzir a hospitalidade a espaços e festas, pois muitos gestos de solidariedade e acolhimento rompem as barreiras do preconceito, da exploração e da discriminação e constroem pontes de aproximação, de ajuda, de trocas, e de convivência, o que se pretendeu foi apontar para uma das possibilidades contemporâneas de hospitalidade, ou seja, a criação de espaços – que podem ser um lugar privilegiado de acolhimento e encontro, como no caso apresentado, em que a feira propicia trocas e convívio, preservando de certa forma, manifestações culturais, facilitando para os recém-chegados, a busca por trabalho, moradia etc.

Se por um lado considera-se a hospitalidade enquanto base para a formação, manutenção, ampliação e manipulação das relações sociais, por outro lado, também se considera a hospitalidade enquanto aceitação/acolhimento da alteridade.

Esses espaços – praças e festas – onde as tradições são preservadas, recriadas ou reelaboradas além de consolidar relações interpessoais, de permitir um partilhar de gosto comum, exercem também um forte atrativo para os turistas. Muitos são os espaços e festas típicas de uma etnia que são expressivos atrativos turísticos. Aqui, teríamos os benefícios do espaço se estendendo, também, aos seus participantes a oportunidade para transpor o distanciamento com os membros da sociedade receptora e participar de expressões culturais integradoras.

Encerra essa reflexão o conceito de Gotman (1997, p.8): “A hospitalidade é o primeiro passo para a alteridade, o primeiro grau de compromisso, uma despesa que permite dilatar ou se contrair, multiplicar as relações no seu interior ou circular na direção de outros grupos”.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, R. (Org.). **Imigração boliviana no Brasil**. NEPO/UNICAMP, 2012.
- BAPTISTA, I. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, C. M. M. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- BAPTISTA, I. Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social. **Cadernos de Pedagogia Social**, Lisboa, n.1, ano 1, 2007.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas, Papirus, 2001.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BELLUZZO, R.; HECK, M. **Cozinha dos imigrantes**. Memórias e receitas. São Paulo, DBA/Melhoramentos, 1999.
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo, Ática, 1987, p. 16-41.
- BOURDIEU, P. Prefácio. SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRITO, F. E. M. Da acolhida solidária à hospitalidade comercializada – o turismo na Chapada Diamantina. *Acolhida & Hospitalidade – Cultura e Sociedade*. **Travessia: Revista do Migrante**. São Paulo, ano XX, n. 58, mai./ago., 2007.

CAMARGO, B. Kantuta é um pedaço de Bolívia na capital paulista. **Repórter Brasil**, 22 jun. 2006 Disponível em <http://www.reporterbrasil.org.br>. Acessado em 17 abr. 2010.

CARA, Roberto Bustos. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

CIMBALISTA, R.; XAVIER, I.R. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metrópole**, n. 17, p. 119-133, 1º sem 2007.

DORNELAS, S. M. O dever da hospitalidade no Antigo Testamento. Acolhida & Hospitalidade. Bíblia e Pastoral. **Travessia**: Revista do Migrante. ano XX, n. 57, jan./abr. 2007.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, UNESP, 1991.

GODBOUT, J. T. **Recevoir c'est donner**. Communications 65 - L'hospitalité. Paris, Seuil, 1997.

GODBOUT, J. T.; CAILLÉ, A. **O espírito da dádiva**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, L. G. **Comércio étnico em Belleville**: memória, hospitalidade e convivência. *Estudos Históricos*, vol.1, n. 29, 2002.

GOTMAN, A. **La question de l'hospitalité aujourd'hui**. Communications 65 - L'hospitalité. Paris, Seuil, 1997.

_____. **Villes et Hospitalité**. Les municipalités et leurs "étrangers". Éditions de la Maison Des Sciences de l'homme, 2004.

IPHAN. **Inventário de referências culturais do Bom Retiro**. São Paulo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura, 2009.

KNAFOU, R. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo, Hucitec, 1996.

LANNA, M. A. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], set. 2004. ISSN 0067-964X. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rsp/article/view/3565>. Acesso em: 02 Jan. 2013.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MILANESE, G.A. **Hospitalidade e comensalidade nas feiras de rua da cidade de São Paulo**: Feira Katuta e cultura boliviana. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, E. L. A "praia" que faltava em São Paulo. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

OURIQUES, H. R. O desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 61, junho 2006. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/061/61ouriques.htm>. Acesso em: 02 Jan. 2013.

PÓVOA, C. A. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**: a migração do Bom Retiro ao Morumbi. São Paulo: Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAFFESTIN, C. **Réinventer l'hospitalité**. Communications 65 - L'hospitalité. Paris, Seuil, 1997.

RODRIGUES, A. B. (Org.). Desafios para os estudiosos do turismo. In: _____. **Turismo e Geografia**: reflexões e enfoques regionais. São Paulo, Hucitec, 1996.

RUSCHMAN, D. M. Planejamento e ocupação do território através da expansão da atividade turística: condicionamentos básicos a partir da questão ambiental. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e Ambiente**: reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Carlos Freire. Precisa-se: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. *Bolivianos. Travessia*: Revista do Migrante, ano XXII, n. 63, jan./abr. 2009.

SILVA, Sidney A. **Bolivianos, a presença da cultura andina**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2005.

XAVIER, I. R. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. In: BANINGER, R. **Imigração boliviana no Brasil**, NEPO/UNICAMP, 2012.

**RECEIVING, WELCOMING:
CHALLENGES OF HOSPITALITY IN SÃO PAULO**

Abstract

The current world knows an intense human mobility due to an increasing movement of people caused mainly by two reasons: tourism and migratory process. In the national scene, Sao Paulo has an important role as centralizer of culture and economy, which holds strong attraction, especially for immigrants. Evidently, both the tourist trips, and the social and political conditions that caused immigrations, already existed before modernity, however, what current stands out is the dimension and pace of these movements. Thus, the issue of welcoming and hospitality, which is just as old as humanity, will be seen through a different set of glasses, it will portray new dimensions instigating reflection and establish challenges to modern hospitality. Our objective was to show the welcoming potential that places which allow revitalizing experiences have, in comparison to the countless forms and possibilities of welcoming and hospitality. These provide a sense of participation that is brought about by sharing a festive space, overcoming prejudice barriers, and cultural detachment taking as reference the experience of the Bolivian immigration to Sao Paulo and its community expression at the Kantuta fair.

Keywords: Hospitality. Tourism. Mobility. Bolivian immigration. Welcoming. Kantuta square/ Sao Paulo/ SP.

Artigo recebido em 07/04/2014. Aceito para publicação em 03/06/2014.